

EM FOCO

PERFORMANCE RITUAL FEMININA
COM OS QUATRO ELEMENTOS DA
NATUREZA NO CURTA-METRAGEM
GUARDIÃS DO NASCIMENTO
NA CHAPADA DIAMANTINA

*FEMALE RITUAL PERFORMANCE WITH THE FOUR
ELEMENTS OF NATURE IN THE SHORT FILM GUARDIÃS
DO NASCIMENTO NA CHAPADA DIAMANTINA*

*PERFORMANCE RITUAL FEMENINA CON LOS CUATRO
ELEMENTOS DE LA NATURALEZA EN EL CORTOMETRAJE
GUARDIÃS DO NASCIMENTO NA CHAPADA DIAMANTINA*

JANAÍNA TRASEL MARTINS

MARTINS, Janaina Trasel
Performance ritual feminina com os quatro elementos da
natureza no curta-metragem Guardiãs do nascimento na
Chapada Diamantina. *Repertório*, Salvador, ano 27, n. 40, 2023
e023003

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i40.49181>

RESUMO

Este artigo é um relato dos princípios que envolveram o processo criativo da produção audiovisual “Guardiãs do Nascimento na Chapada Diamantina”. A composição cênica do curta-metragem envolveu performances rituais e performances artísticas realizadas com gestantes, doulas e parteiras da comunidade rural de Caeté-Açu, na Chapada Diamantina, Bahia. A produção audiovisual tem, como proposta estética e poética, a realização de uma jornada de travessia pelo ciclo gestacional até o parto, guiada por rituais envolvendo os quatro elementos da natureza: água, ar, fogo e terra. Em oposição à violência obstétrica, o objetivo é o de contribuímos com o fortalecimento de uma cultura do nascimento humanizada e respeitosa, dando visibilidade a uma assistência amorosa no rito de passagem composto por gestação e parto.

ABSTRACT

This article is a report of the principles involved in the creative process of the audiovisual production “Birth Guardians in Chapada Diamantina”. The composition of the short film involved ritual and artistic performances, performed with pregnant women, doulas and midwives from the rural community of Caeté-Açu, in Chapada Diamantina, Bahia. The audiovisual production contains the aesthetic and poetic proposal of a journey that crosses the gestational cycle until childbirth, guided by rituals with the four elements of nature: water, air, fire, and earth. In opposition to obstetric violence, the objective is to contribute to the strengthening of a humanized and respectful culture of birth, giving visibility to loving assistance in the rite of passage that is pregnancy and childbirth.

RESÚMEN

Este artículo es un relato de los principios que rodearon el proceso creativo de la producción audiovisual “Guardianas del nacimiento en Chapada Diamantina”. La composición escénica del cortometraje involucró rituales y puestas artísticas, realizadas con mujeres embarazadas, doulas y parteras de la comunidad rural de Caeté-Açu, en Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. La producción audiovisual tiene como propuesta estética y poética un recorrido que atraviesa el ciclo gestacional hasta el parto, guiado por rituales con los cuatro elementos de la naturaleza: agua, aire, fuego y tierra. En oposición a la violencia obstétrica, el objetivo del cortometraje es contribuir al fortalecimiento de una cultura del parto humanizada y respetuosa, dando visibilidad a la asistencia amorosa en el rito de paso que es el embarazo y el parto.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminismo. Gestação. Parto.
Performance. Audiovisual.

KEY WORDS:

Feminism. Pregnancy.
Childbirth. Performance.
Audiovisual

PALABRAS CLAVE:

Feminismo. Embarazo.
Parto. Performance.
Audiovisual

INTRODUÇÃO

“Guardiãs do Nascimento na Chapada Diamantina”¹ é uma produção audiovisual fruto da pesquisa de pós-doutorado² realizada durante o ano de 2021, a qual envolveu uma composição cênica com a comunidade de parteiras, doulas e gestantes da Chapada Diamantina, Bahia. Nesse processo criativo, atuei nas funções de direção, roteiro, produção executiva, operação de câmera e edição/montagem do curta-metragem. Serão compartilhados, aqui, alguns dos princípios que regeram o processo de criação.

A comunidade de Caeté-Açu foi escolhida para essa produção artística por ser um local onde está presente o ofício da parteria, constituído por mulheres que prestam assistência ao parto domiciliar baseado em saberes e práticas tradicionais. Lá, não há maternidade/hospital, é um vilarejo situado nas florestas da Chapada Diamantina. Dessa maneira, o filme pretende revelar modos de gestar e de partejar, em uma perspectiva rural, comunitária e holística, semeando saberes que, durante um tempo, foram silenciados nos centros urbanos pelo processo de institucionalização do parto no hospital.

Ocorre que, na passagem do século XIX para o XX, houve a colonização da cultura do nascer e o parto passou a ser institucionalizado, do domicílio ao hospital, da parteira para o médico. No Brasil, nas áreas urbanas até por volta do século XIX, o parto era um ritual de mulheres realizado nas casas das famílias com acompanhamento das parteiras (ZANARDO et al., 2017). No final do século XIX, com a institucionalização do parto no hospital, as parteiras sofreram a marginalização e a desqualificação do seu ofício (PALHARINI et al., 2018). A parteria tradicional no Brasil passou, progressivamente, a se tornar um saber médico que foi sendo legitimado em detrimento do saber da parteira (BARROSO, 2009). O parto deixou de ser da esfera do feminino e passou a ser compreendido como uma prática médica masculina (SANFELICE et al., 2014).

Em meados do século XX, os partos passaram cada vez mais a ocorrer nos hospitais, assistidos por médicos obstetras, com intervenções, práticas e rotinas próprias (NATAL, 2022). Com a institucionalização do parto no hospital e a padronização dos procedimentos de rotina, começou a haver o uso exacerbado de cesáreas desnecessárias, excessos de intervenções no parto, abuso da

1 1 Disponível no canal do Youtube: <https://youtu.be/tPaGEc-zjvw>

1 2 O filme é uma ação artística decorrente da pesquisa de pós-doutorado de Janaina Trasel Martins, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, sob supervisão da professora Dra. Meran Vargens.

medicalização e patologização dos processos naturais, retirando a autonomia, o protagonismo da gestante sobre o parto e a capacidade de decidir livremente sobre seu corpo, cabendo ao médico a condução do processo. Esses tratamentos desumanos são caracterizados como violências obstétricas (CECHIN, 2002; NATAL, 2022). Hoje, no século XXI, há um movimento em prol da humanização do parto:

A humanização é consequência de um movimento, originado dentro do próprio campo da obstetrícia, pela revisão do atendimento obstétrico hegemônico, considerado excessivamente medicalizado e tecnocrático, termo este que caracteriza a primazia da tecnologia sobre as relações humanas (SIMAS, 2016, p. 38).

O “parto humanizado” refere-se ao parto “em que a mulher tem suas escolhas e seus direitos respeitados, sendo tratada de forma personalizada pela equipe médica”, seja no parto em domicílio ou no hospital (GIACOMINI, 2020, p. 4). Na assistência à parturiente, mais do que a realização de procedimentos e protocolos técnicos, é importante ampliarmos a percepção de que o nascimento é uma experiência única e subjetiva, que envolve aspectos fisiológicos, afetivos, culturais e sociais. O momento do parto envolve a chegada de um ser aqui na terra, é um rito de passagem para a mulher e para a criança, impactando a vida dessas pessoas. Um nascimento respeitoso e amoroso pode contribuir para a saúde da humanidade.

É preciso uma revolução feminina, como convoca a educadora do parto ativo, Janet Balaskas (2015), para que as gestantes recuperem e reassumam o poder como protagonistas ativas, não “terceirizando” para o médico o comando do parto. Daí vem a importância de promover a conscientização da mulher sobre os direitos relacionados ao seu próprio corpo.

Tendo em vista essas reflexões, a produção artística audiovisual “Guardiãs do Nascimento na Chapada Diamantina” tem como objetivo contribuir para a ampliação da percepção sobre a cultura do nascimento, enfatizando um olhar holístico sobre a assistência à gestante e à parturiente, considerando que gestar e parir são experiências que permeiam a corporeidade, nas suas dimensões física, mental, emocional, energética, espiritual, bem como nas dimensões ambientais e culturais.

Para tanto, nessa produção audiovisual damos visibilidade às histórias sobre gestar e nascer, a partir de pontos de vista que extrapolam condutas hegemônicas de modelos colonizadores instituídos na prestação da assistência à saúde. Damos visibilidade aos saberes que permeiam a cultura de nascer na comunidade rural de Caeté Açu - um local no meio da floresta, onde não há hospital e a maioria dos partos são em domicílio, com a assistência de parteiras da comunidade.

Nesse sentido, esse curta-metragem tem como objetivo semear sabedorias de mulheres, guardiãs do portal do nascimento na Terra: parteiras, doulas, gestantes, curandeiras, erveiras, benzedeadas, avós, mães e filhas. Juntas, como guardiãs do nascimento, reverenciamos as práticas culturais que merecem ser reconhecidas, pois trazem um ensinamento profundo, de resgate da conexão do ser humano com a natureza.

Princípios compositivos da criação artística

A concepção do curta-metragem “Guardiãs do Nascimento na Chapada Diamantina” foi de a narrativa poética ser constituída de uma jornada pelo ciclo gestacional até o parto/nascimento, uma travessia ritualística pelos quatro elementos: ar, água, fogo e terra.

No roteiro, as cenas correspondiam aos quatro elementos: da Terra, do Ar, da Água, do Fogo e dos Partos/Nascimentos. Para cada cena/elemento, foi escolhido um grupo distinto de parteiras, doulas e gestantes - ao todo participaram do filme 6 parteiras, 9 doulas e 11 gestantes moradoras da Chapada Diamantina.

As cenas foram compostas de performances rituais e de performances artísticas, conectadas com os modos de ser e viver das mulheres da comunidade, em que a arte, a vida e a natureza estão totalmente integradas. As performances rituais foram realizadas pelas parteiras e doulas, as quais abençoaram as gestantes com benzimentos. As performances artísticas foram realizadas pelas gestantes protagonistas de cada elemento: na cena do elemento ar, foram realizadas performances de dança aérea; nas cenas com o elemento fogo, ocorreram performances de dança com velas e de dança com bambolê de fogo; na cena com o elemento água, ocorreram performances de dança aquática/sereismo; no elemento terra foram realizadas performances rituais com ervas

e pintura de argila. Em algumas performances havia a presença do público, turistas que eventualmente estavam passeando no local.

A narrativa do curta-metragem foi tecida em uma teia interconexa que abrange as dimensões físicas, ritualísticas, arquetípicas, metafóricas e poéticas sobre os quatro elementos da natureza.

Na dimensão física, as locações das performances rituais foram realizadas em locais exuberantes, como caverna, grutas, cachoeiras, rios e montanhas da Chapada Diamantina. As relações entre o meio ambiente e a vida na comunidade fizeram parte de todo processo de composição do curta-metragem - a época da "chuva das águas", do transbordamento dos rios e das estradas com lamas escorregadias, a época da seca e dos incêndios na floresta, a época dos ventos fortes vindos das montanhas, fazendo rodopios com as poeiras da terra seca, a época das árvores quaresmeiras enfeitando o Vale. A pesquisa criativa foi fenomenológica, constituída a partir da vivência, assim, o processo de criação envolveu uma escuta atenta das vozes da comunidade e das vozes da floresta:

A Terra é uma entidade viva e pulsante, cuja voz está sempre presente ao nosso redor. Precisamos reaprender como ouvi-la, no farfalhar das folhas tocadas pela brisa, no murmúrio dos riachos e no ritmo das ondas, nos zumbidos dos insetos ou nos cantos dos pássaros, no barulho da chuva ou nos sons dos animais. Ela nos convida a voltarmos novamente para o seu ventre em busca da força, cura e sabedoria (FAUR, 2011, p. 312).

Na dimensão arquetípica, os quatro elementos foram trabalhados a partir da sua potência fenomenológica, relacionada à experiência sensível, ativada no instante da relação dinâmica. Aquilo que está fora revela o que está dentro, em uma interconexão sistêmica, uma vez que somos e estamos entrelaçados com o mundo. De maneira que, cada arquétipo traz consigo uma infinidade de percepções, é multívoco, podendo ter vários sentidos, a partir do sentir de cada pessoa. No arquétipo, os símbolos são como um espelho para vermos a nós mesmos, estimulando consciências de determinados sentimentos e sensações. Como afirma a analista Junguiana Jean Shinoda, "o seu conhecimento permite à mulher compreender e desvendar seus próprios sentimentos e recuperar seu Eu" (SHINODA, 1984, p. 7). É a partir das relações que estabelecemos pela experiência e vivência imediata, que cada imagem poética criada expande

a nossa sensibilidade de percepção. O filósofo Gaston Bachelard (1989) resalta que no imaginário corpóreo, a imagem é dinâmica, revive, se refaz e se atualiza no corpo a cada instante, de maneira que a originalidade do imaginário não está em reproduzir a realidade, mas recriá-la poeticamente. A subjetividade do sonhador: “[...] é a contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos” (BACHELARD, 1990, p. 174).

Na dimensão ritualística, foram realizados benzimentos nas gestantes: com a água, as bênçãos na cachoeira; com o ar, as defumações com ervas aromáticas; com a terra, as benzeções com plantas medicinais; com o fogo, as bênçãos na fogueira. As performances rituais teceram um espaço sagrado para a gestante mergulhar em um encontro consigo, ritualizando, sentindo e elaborando esse ciclo da vida. Como diz Richard Schechner (2012), os rituais ajudam a lidar com transições, convocam a uma conexão profunda, onde a pessoa é transportada da sua realidade cotidiana para um outro espaço-tempo, o do ritual, ampliando a sua percepção e consciência. Por isso, “o ritual transforma pessoas, permanente ou temporariamente” (SCHECHNER, 2012, p. 50). Os rituais teceram também um espaço de perpetuação da memória, nesse caso, sobre os saberes da parteria tradicional relacionados às rezas e às ervas medicinais para a gestação e o parto. Como diz os estudos da performance de Schechner, “rituais são memórias em ação, codificadas em ações” (SCHECHNER, 2012, p. 49), uma memória viva, que está no corpo que a presentifica, nos objetos e nos símbolos utilizados ao longo do ato ritual.

No entrelace de todas essas dimensões, física, energética, arquetípica, imagética, ritualística e poética, fluiu o processo criativo das performances que foram filmadas e trabalhadas na montagem do audiovisual, com o intuito de gerar uma jornada iniciática, um rito de passagem do ciclo gestacional ao nascimento.

A seguir, serão descritas as performances rituais e as performances artísticas, os princípios compositivos e as intenções de cada cena do curta-metragem. Serão compartilhadas as percepções da diretora, da compositora da trilha sonora e das parteiras participantes do filme.

Cena: elemento Terra

A jornada audiovisual começa com um convite para a pessoa adentrar em si, poeticamente representado no curta-metragem pelo adentrar na caverna, que traz como simbolismo a caverna interior do corpo-templo. A caverna escolhida

para a realização da performance ritual foi a Lapa Doce, em Iraquara, Chapada Diamantina. A Lapa Doce é uma caverna grande, considerada a terceira maior do Brasil e tem idade da formação superior a 900 milhões de anos³, com enormes estalactites e estalagmites ancorando memórias ancestrais vivas da história da Terra.

Poeticamente, no curta-metragem, a entrada na caverna representa o canal de entrada ao útero ancestral e maternal da Terra. É simbolizado o início do caminho iniciático para a travessia que a gestante irá percorrer. Lá no ventre da Mãe Terra, no interior da caverna, ocorreu a performance ritual com uma gestante, três doulas e uma parteira, todas residentes na Chapada Diamantina. O ritual que elas focalizaram envolveu benzimentos com as ervas medicinais para os ciclos femininos, para a gestação e para o parto, tais como as ervas do algodoeiro, alevante, artemísia e lavanda. As ervas medicinais são parte dos saberes tradicionais das parteiras comunitárias, passados de geração em geração até chegar nos dias de hoje. Junto com as ervas, a pintura com argila no corpo da gestante a prepara para a sua transformação nesse rito de passagem. Com as ervas medicinais, a argila, os aromas, os cantos e os benzimentos, a gestante foi acolhida e cuidada, nas suas dimensões física-emocional-mental-espiritual, por uma rede de apoio que dá suporte e sustentação para a entrega na travessia pelo rito de passagem até o nascimento.

O ritual traz a valorização do rito de passagem do nascimento, como um momento sagrado, conforme lembra Lisandra Tezelli, parteira atuante na comunidade de Caeté-Açu/Chapada Diamantina:

O elemento Terra envolve o processo de entrar na carne que é o corpo, o processo de encarnação aqui na Terra. Esse rito de passagem foi muito desvalorizado. É importante retomar a dimensão do sagrado que é o ritual do nascimento, que é o momento de chegada do ser na Terra, e que vai influenciar na vida que vem pela frente (TEZELLI, 2021, [s.p.]).

Em relação ao elemento terra no ciclo gestacional e no parto, Marilídia Manhães, parteira atuante em Igatu/Chapada Diamantina, partilha que:

A terra conecta a mãe à vida que está sendo gerada. O elemento traz a criação divina do espírito para a matéria. A terra que fértil dá a vida a semente, nutre e faz brotar. A vida nasce a partir da grande mãe que tudo acolhe, nutre, sustenta e regenera, estando assim presente em todo o ciclo de vida, morte e vida. No momento do nascimento a terra é onde a gestante se firma na presença da sustentação. É nesta conexão que ela encontra forças gravitacionais para trazer o espírito para a matéria (MANHÃES, 2021, [s.p.]).

Durante a gestação e o parto, o elemento terra envolve um “aterramento”, um “grounding interior”. David Boadella ressalta que o “grounding interior” envolve a sensação de sentir-se enraizada, conectada com o corpo, com os pés enraizados no chão, percebendo-se segura e firmada no centro interior (BOADELLA, 1992). Trata-se de uma conexão com a corporeidade, com estar presente habitando a própria casa-corpo.

No curta-metragem, nessa cena do elemento terra, tanto as imagens quanto a trilha sonora foram tecidas com o intuito de ativar o “grounding interior” ao adentrarmos na “caverna interna”. Sobre a trilha sonora referente a essa cena, a diretora musical Carolina Endi partilha:

Para adentrar na gruta, escolhemos o som do tambor xamânico que conduz o ritmo do coração, para firmar com pulso e confiança a entrada na escuridão da gruta, e o maracá, instrumento de limpeza dos nossos povos indígenas brasileiros. Escolhemos o timbre do hang drum com suas ressonâncias misteriosas, para acompanhar a presença das mulheres guardiãs. Os cantos são inspirados nos povos originários, com sons vocálicos com timbre vocal gutural, para o mergulho nas entranhas da terra, nas entranhas do ser mãe (ENDI, 2021, [s.p.]).

As cenas com o elemento terra foram tecidas na narrativa da montagem audiovisual com a intenção poética de convidar a um retorno ao ventre da Mãe Terra, uma volta às raízes, sentindo que somos a própria natureza, o barro, a semente e o adubo. Trata-se de um convite à escuta da sabedoria corporal,

para que a mulher adentre no portal do nascimento com coragem, aterrada no “grounding interior”, caminhando com passos firmes na entrega ao grande mistério, para renascer a si mesma nesse rito de passagem.

Cena: elemento Ar

Na dramaturgia poética do roteiro do curta-metragem, o elemento Ar representa as sabedorias ancestrais que ecoam pelos ventos até os dias de hoje. Aqui, nas cenas do elemento Ar, estão representadas as sabedorias das anciãs parteiras nativas, sabedorias que voam com o vento, atravessando gerações e ecoando na atualidade na comunidade.

Representando o elemento ar estão os simbolismos dos ventos nas montanhas, das defumações com as penas de pássaros que levam os sopros sagrados das anciãs parteiras até os dias de hoje, sobre a relação dos ciclos da mulher com os ciclos da natureza. Tais ventos carregam as memórias das mulheres que nos precederam. Nessa poética, o elemento Ar foi trabalhado na metáfora do “ar que carrega sabedorias” e somos convidadas a escutar as vozes que o vento traz sobre os mistérios femininos.

Entre os saberes tradicionais que as anciãs parteiras trazem e ecoam até hoje na comunidade, está a utilização da planta do algodoeiro⁴ e do alevante para fins medicinais na gestação, no parto, no pós-parto. São práticas culturais da comunidade que merecem ser visibilizadas, reconhecidas, pois trazem um ensinamento profundo, de resgate da conexão do ser humano com o meio ambiente. As atuais parteiras holísticas da comunidade continuam reverberando esses saberes ancestrais de utilização das ervas medicinais. A parteira Marília Manhães usa a fitoterapia no atendimento às gestantes e parturientes e relembra que

A fitoterapia desde sempre foi o recurso disponível para o cuidado e suporte ao trabalho de parto em zonas rurais. O conhecimento tradicional e científico das ervas medicinais em banhos, compressas, chás e tinturas dão

1 4 Sobre Algodoeiro, ver mais em: <https://blog.aureoaugusto.com/2014/04/algodao-e-outras-plantas-no-parto.html>

suporte a situações onde a fisiologia requer ajuda. Estas intervenções podem ser utilizadas em todos os estágios do parto e principalmente nos cuidados pós-parto que requer atenção específica e amorosa da parteira para que as famílias possam se regenerar de traumas físicos e emocionais decorrentes do trabalho de parto (MANHÃES, 2021, [s.p.]).

As performances rituais com o elemento Ar foram sopradas pelas avós anciãs nativas da Chapada Diamantina: uma anciã erveira, uma parteira de 90 anos da comunidade de Caeté-Açu, e uma parteira de 110 anos da comunidade de Iraquara. As anciãs realizaram benzimentos com plantas medicinais, semeando sabedorias sobre o ofício do partejar em conexão com a natureza e a cultura local.

Na dramaturgia, o elemento Ar esteve presente também soprando símbolos e arquétipos relacionados com a dimensão mental, do pensamento. Como observa Mirella Faur (2011), as qualidades vibratórias desse elemento podem entrar em ressonância com o nosso corpo nos aspectos relacionados à comunicação, compreensão, percepção, foco, clareza, inspiração e expansão mental.

Sobre a dimensão mental no momento do parto, o obstetra Michel Odent ressalta que: “O parto é acima de tudo um processo mental. Quando uma mulher está dando à luz por si mesma, a parte ativa do seu cérebro é a primitiva, que temos em comum com todos os mamíferos, que é a parte que secreta os hormônios necessários” (ODENT in BALASKAS, 2015, p. 11). O autor ressalta que há fatores que podem perturbar esse processo cerebral no momento do parto como, por exemplo, a falta de privacidade, a falta de penumbra, a falta de silêncio, a falta de apoio, entre outras situações que perturbem, interfiram e gerem estresse na parturiente. Como evidencia Balaskas (2015), o medo e a ansiedade produzem hormônios do tipo adrenalina, que são inibidores do trabalho de parto (BALASKAS, 2015, p. 87).

O processo mental que se dá na gestação e, especificamente, no trabalho de parto, tem imensa relevância, uma vez que a alteração hormonal permite uma hiperflexibilização da massa cerebral, potencializando os aprendizados e as mudanças comportamentais, conforme constata a parteira Marilídia Manhães. Ela trabalha com as gestantes a preparação mental durante a gestação, para ressignificar crenças culturais, medos aprendidos e condicionamentos que

podem ser um obstáculo no decorrer de uma experiência positiva de parto. “Saber identificar pensamentos repetitivos e condicionados culturalmente, e focar no autoconhecimento para que a mente esteja alinhada com o momento presente, durante toda a gestação e no parto, é viver uma experiência integral de atenção plena” (MANHÃES, 2021, [s.p.]).

A parteira Lisandra Tezelli partilha a importância da respiração para silenciar a mente e ampliar a percepção do que está acontecendo no corpo, respeitando os ritmos internos, as pausas que a gestação pede, soltando os medos, ativando a conexão com o corpo e abrindo a escuta da intuição. Assim, “quando chegar o momento do parto, o caminho estará aberto para o fluxo da natureza atuar no nascimento” (TEZELLI, 2021, [s.p.]). Janet Balaskas (2015), no livro “Parto Ativo”, ressalta a importância da respiração no trabalho de parto, para interromper o diálogo interno que normalmente ocupa o nosso pensamento: “a concentração nos ritmos da respiração vai permitir que você entre em ressonância com este ritmo, instintivamente, e que se renda às forças vitais que atuam dentro de seu corpo” (BALASKAS, 2015, p. 174).

No curta-metragem, as cenas do elemento Ar foram desenvolvidas poeticamente como um convite para alçarmos voos internos através da respiração. O mergulho aéreo para dentro de si foi representado na cena performativa da dança aérea circense, realizada por uma gestante trapezista e duas artistas circenses acrobatas. As três dançam no ar, sustentadas pelo braço de uma árvore esplendorosa na beira do rio “Poço do Olavo”, localizado no vilarejo de Caeté-Açu. Na dança aérea, os tecidos vermelhos simbolizam o cordão umbilical da Terra, conectado com a árvore, que enraíza a sustentação para o voo interno. A coreografia da dança nos tecidos foi composta na relação com a natureza, ancorando a metáfora poética dos movimentos do ar que embalam os sonhos em voo, os braços da árvore que sustentam o ninho aéreo, a transformação a cada bater das asas, a descida cefálica e em rotação para o nascimento e o mergulho para dentro de si pela respiração. Do ventre materno ao ventre da terra, abrimos as asas para voar na imaginação poética, sustentando o rito de passagem no “voo pelos mistérios da vida, conectando com os ventos que nos movem, respirando e abrindo asas para bailar no ar com impulsos de coragem e tocar as profundezas com sopros de leveza”, conforme ressalta a poesia vocalizada nessa cena.

As cenas com o elemento Ar foram tecidas na narrativa da montagem audiovisual com as intenções poéticas de ativar os voos para dentro de si, o silencia-

mento da mente tagarela e a conexão com o corpo, a conexão com a respiração para a expansão do canal por onde a força da vida passa, a entrega aos voos pelo mistério do parto com confiança na potência mamífera e instintiva, que envolve a corporeidade feminina.

Cena: elemento Água

As performances artísticas com o elemento água aconteceram na gruta azul e no rio da Pratinha, em Iraquara. As performances rituais, com um grupo de artistas, gestantes, doulas e parteiras, aconteceram na cachoeira da Conceição dos Gatos, ambas localizadas na Chapada Diamantina.

A performance artística com o elemento água envolveu um mergulho nas profundezas das águas, com filmagens subaquáticas com uma gestante, uma doula e uma menina, no rio da Pratinha. Poeticamente, essa cena representa um mergulho no útero da Mãe Terra para um encontro com sabedorias ancestrais. Na cena, a doula representa Oxum, a orixá rainha das águas doces, senhora da fertilidade. Oxum, com a sua dança, abre os portais interdimensionais da gruta e acessa as profundezas das águas para levar as sabedorias ancestrais da grande Mãe à superfície terrena - sabedorias sobre as plantas medicinais, representada pela flor da Vitória Régia (planta aquática sagrada utilizada nos rituais da cultura afro-brasileira). Após, Oxum chega na cachoeira e abençoa um grupo de gestantes, em um rito com as águas, honrando o ventre da Terra e o ventre feminino. Nessa cena, mais uma vez trouxemos o simbolismo da transmissão das sabedorias ancestrais pelas plantas medicinais.

A água como um símbolo materno é “um leite inesgotável, o leite da Natureza”, na visão de Bachelard (1989, p. 131). O aspecto feminino que a água carrega como simbolismo é também observado por Mirella Faur (2011), que aponta para as qualidades vibratórias desse elemento em ressonância com o nosso corpo, como as qualidades de emoção, sensibilidade, receptividade, intuição, fertilidade, nutrição, purificação. A água é simbolicamente associada à dimensão emocional:

É o nosso lugar mais profundo. A gente precisa estar sempre permitindo o fluxo de nossas águas das emoções, porque ao represar sentimentos, toda nossa

vida fica estancada. No trabalho com as gestantes eu busco levar para a mulher essa compreensão de que ela precisa dar permissão para as águas fluírem, para as emoções estarem em movimento, porque esse é o fluxo da vida e daí decorre o fluxo do parto (TEZELLI, 2021, [s.p.]).

As relações entre os movimentos das águas e o movimento das emoções, durante a gestação e o parto, também foram trabalhadas na trilha sonora do curta-metragem. A compositora e cantora Carolina Endi fala sobre a sua música autoral “Águas Sagradas”, cantada em uma harmonia a quatro vozes:

Há uma nota pedal no tom Ré, que na visão do yoga do som indiano é o tom que se conecta ao útero. Uma nota pedal que acompanha toda canção e que varia entre Ré Maior e Ré Menor, como as ondas que expandem e entram para dentro, um mergulho nas emoções. A nota pedal e a harmonia a quatro vozes é um abraço para trazer a coragem para penetrar nessas emoções (ENDI, 2021, [s.p.]).

Somos água, uma vez que ela compõe mais de 70% do corpo humano. A água é o nosso elemento de origem, o bebê se desenvolve em um meio aquático, imerso no líquido amniótico do útero. “Como um pequeno mar, o fluido intrauterino provê as condições ideais para o crescimento do bebê, o protegendo de choques e acidentes” (BALASKAS, 2015, p. 261).

A presença da água no trabalho de parto, seja de uma banheira ou da água quentinha do chuveiro caindo nas costas, é um dos métodos não farmacológicos de grande eficiência no alívio da dor decorrente das contrações uterinas. Relata a parteira Marilídia Manhães:

A imersão da parturiente em uma banheira com água, aquecida na temperatura do corpo a 37 graus, possibilita o relaxamento através da flutuação. Os movimentos que a parturiente pode fazer são muito parecidos com os movimentos fetais, gerando estímulo para que o bebê possa imitar os movimentos maternos e encontrar melhor a saída (MANHÃES, 2021, [s.p.]).

No trabalho de parto, a conexão com o elemento água é utilizada desde tempos remotos pelas parteiras tradicionais, por meio de banhos, escalda pés,

chás e garrafadas com ervas medicinais. No curta-metragem, em um ritual de nascimento, vemos a doula preparando um banho de ervas e, após, a parturiente recebendo esse acolhimento durante o seu processo de navegar nas ondas fortes das contrações uterinas.

As cenas com o elemento Água (as performances artísticas na gruta Azul da Pratinha e as performances rituais na Cachoeira da Conceição dos Gatos) foram tecidas na narrativa da montagem audiovisual com as intenções poéticas de convidar a gestante a um mergulho profundo para dentro de si, sentindo a fonte da vida, as marés que jorram emoções, lavando os medos, fluindo na entrega ao mistério de gestar e parir, sustentadas pelo colo maternal das águas doces. Trabalhamos também na montagem visual e sonora a conexão da gestante com os movimentos das águas profundas do ventre para a ampliação da conexão com a dança aquática do bebê no líquido amniótico.

Cena: elemento Fogo

A performance artística com o elemento Fogo aconteceu em uma gruta no vilarejo de Caeté-Açu, com a gestante artista malabarista realizando uma dança com bambolê de fogo. Essa cena teve como um dos simbolismos a dança da “mulher selvagem”, arquétipo que representa a potência feminina que ultrapassa o excesso de domesticações e repressões das culturas (PINKOLA, 1999). Especificamente na gestação, trata-se de transcender as colonizações que instituem regras e protocolos sobre modos de parir advindos de uma cultura de institucionalização do parto, de patologização dos processos naturais e de uma assistência tecnocrática. O arquétipo da “mulher selvagem” convida a ativação da conexão com o instinto feminino, com a sabedoria mamífera do corpo, abrindo a escuta para a intuição guiar, por exemplo, o movimento livre do corpo e da voz durante o trabalho de parto.

Sobre o elemento Fogo e as suas relações com a corporeidade da mulher durante a gestação e o parto, as parteiras da comunidade trazem as seguintes percepções:

O elemento Fogo é uma qualidade que no momento do parto é necessária. É foco, é entrega total, é dar à luz, é o fogo do nascimento do ser que chega, como se fosse

um raio passando por dentro da mulher com intensidade máxima, uma força que faz vir o bebê para fora, para terra (TEZELLI, 2021, [s.p.]).

A parteira Marilídia Manhães complementa: “A mulher que sente frio no trabalho de parto têm mais dificuldade de manter aceso o fogo que move as ondas das contrações. O processo do parto ativo é fogo, calor - o corpo aquece e começa a se dilatar, abrir, desabrochar” (MANHÃES, 2021, [s.p.]). Dessa maneira, é importante que o ambiente do parto seja tranquilo e quentinho, tanto fisicamente (com pouca luz e com aquecimento) quanto afetivamente, na assistência respeitosa à parturiente, o que irá favorecer o processo de entrega, para ela se abrir e dar à luz. Essa força quentinha e amorosa da rede de apoio foi vivenciada nos partos domiciliares que foram filmados no vilarejo de Caeté-Açu, que constituem a cena dos nascimentos do curta-metragem.

As cenas com o elemento fogo foram tecidas na narrativa da montagem audiovisual com as intenções poéticas de conexões com o fogo alquímico da criação, com a chama sagrada que mantém acesa as vozes de sabedorias ancestrais, com o calor afetivo de uma rede de apoio, com o fogo que queima os medos e ativa a coragem, com a expansão da chama amorosa do coração, com o calor que aquece o corpo da parturiente, com o momento do círculo do fogo (em que o bebê coroa na saída da vagina, provocando ardência), com o dar à luz e com o nascer.

A montagem narrativa do audiovisual

A partir das imagens captadas das performances rituais e artísticas realizadas pelas doulas, parteiras e gestantes da Chapada Diamantina, a narrativa do curta-metragem foi tecida com o intuito de conduzir a quem assiste a uma aventura para dentro da floresta, rumo ao interior do ser, em uma jornada permeada por rituais com os quatro elementos. Por se tratar de uma travessia ritualística, a proposta estética da montagem audiovisual propõe a ativação de uma experiência sensorial, por meio da musicalidade articulada com as imagens poéticas. Nesse sentido, a narrativa não teve como objetivo trazer informações faladas de forma descritiva sobre modos de gestar e partejar, mas sim conduzir a uma jornada de meditação. A jornada de meditação pretende ser mais do que um procedimento, mas a ativação da própria conexão da gestante consigo mesma, de maneira que as imagens e os sons, em suas qualidades vibracionais, atuem como gatilhos, para o despertar da consciência.

Na costura das cenas dos quatro elementos, a montagem no software de edição das performances rituais e artísticas teve como característica construir uma narrativa não linear, em que não há uma continuidade na sequência de acontecimentos de uma cena para outra. Os acontecimentos são independentes entre si, de modo que cada cena representa um elemento da natureza e ancora determinadas qualidades vibracionais. Cada cena foi trabalhada como uma abertura de portais para ampliação da percepção das múltiplas dimensões que envolvem as interconexões entre o ser, a cultura e o meio ambiente.

A interdimensionalidade foi uma característica presente nas cenas, na fusão do real com o fictício. Houve cenas em que foi filmado o real - das avós anciãs benzendo as gestantes - e houve cenas fictícias, como a cena das sereias (personagens presentes na cena do elemento água). As dimensões da realidade ordinária e da ficção foram trabalhadas nas suas interconexões para alçarmos voos da imaginação. A interdimensionalidade esteve presente também na trilha sonora: algumas imagens continham os sons reais das cenas (como a voz das parturientes e das rezas das anciãs parteiras benzedeiros) e outras cenas continham alquimias sonoras⁵ gravadas posteriormente, na relação com os movimentos das imagens visuais, com a narrativa visual já montada no software de edição.

Na composição da trilha sonora, as dimensões semânticas da palavra e as dimensões sonoras musicais também se cruzam: em algumas cenas há poesias e cantos guiando a jornada e, em outras cenas, há palavras e vocalizes que extrapolam significados semânticos e atuam como encantações sonoras. A palavra em cena foi pesquisada para além do seu uso ordinário, para elevá-la à dimensão da magia, de encantarias.

Para cada cena, em sintonia com as qualidades vibracionais de cada elemento da natureza e das intenções poéticas do filme, foram realizadas alquimias sonoras com os vocalizes, com as palavras faladas ou cantadas, com os instrumentos musicais, com os ritmos, com os arranjos harmônicos.

As composições sonoras e visuais foram articuladas no seu potencial de conduzir quem assiste a realizar uma jornada iniciática de travessia pelos quatro elementos: terra, ar, água, fogo.

1 5 Musicistas da trilha sonora: Andréa Cathala, Ari Vinicius, Carolina Endi, Tiago Gusmão, grupo Vozes de Raiz (Ana Shanti, Carolina Endi, Thatiana Brum, Ula Techari).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Guardiães do Nascimento na Chapada Diamantina” é um curta-metragem que semeia sabedorias de mulheres sobre o rito de passagem do ciclo gestacional ao nascimento. A concepção da narrativa do curta-metragem teve como intuito ancorar uma estética e poética com o enfoque em uma abordagem ritualística, com o objetivo de fortalecer a perspectiva de assistência holística à gestante, que integra as dimensões físicas, mentais, emocionais, energéticas e espirituais, na relação com a natureza ambiental e cultural.

A jornada do processo de criação e composição da produção audiovisual foi uma travessia pelas qualidades da água, da terra, do fogo e do ar, desde as relações com a natureza às atividades de produção, como escolha do elenco, escolha dos locais das performances, datas das diárias das filmagens, montagem visual e composição da trilha sonora. Os ciclos da natureza (épocas da seca, dos incêndios, dos ventos fortes, das chuvas) e os ciclos das mulheres (tempo gestacional e as datas previstas para os partos) conduziram os ritmos do processo de filmagens das cenas, o qual teve a duração de um ano, perpassando por todas estações. Nessa caminhada, a cada passo dado pela terra, a cada mergulho nas águas, a cada voz que vibrava com o vento, o fogo criativo pulsava e, assim, fomos permeadas pela própria jornada de travessia pelos quatro elementos. O percurso foi guiado pela prática do processo criativo, a partir das vivências.

As performances artísticas e as performances rituais estão conectadas com os modos de ser e viver das pessoas da comunidade, em uma integração entre vida e arte. As cenas foram compostas articulando expressões artísticas de várias linguagens que estão presentes na comunidade de Caeté-Açu, como a arte circense, a dança e a música.

Na montagem audiovisual das performances, a estética ritualística teve como intuito tecer uma jornada de meditação, uma experiência sensorial pelos quatro elementos, em suas dimensões físicas, energéticas, arquetípicas e poéticas. Nessa travessia a proposta é a de convidar a gestante que assiste o curta-metragem para que realize o seu próprio ritual interno de conexão, consigo e com o bebê no ventre, para que viva a experiência de gestar e parir com consciência, elaborando e ritualizando esse ciclo de transformação, esse rito de passagem.

Nesse curta-metragem, por meio da arte comunitária, das performances artísticas e rituais, realizadas pelas parteiras, doulas, gestantes, avós, mães e

artistas da Chapada Diamantina, tecemos com fios luminosos a rede das guardiãs do nascimento, valorizando o ofício da parteria de comunidades rurais, fortalecendo o paradigma humanizado e holístico na assistência às gestantes e às parturientes e honrando o sagrado momento que é o nascimento do ser humano aqui na Terra.

Referências

BARROSO, Iraci. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 2, n. 2, 2009.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOADELLA, D. Correntes da vida: uma introdução à Biossíntese. Tradução de Cláudia Soares. Cruz. 2 ed. São Paulo: Summus, 1992.

CECHIN, Petronila Libana. Reflexões sobre o resgate do parto natural na era da tecnologia. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 55, n. 4, p. 444-448, 2002.

ENDI, Carolina. Concepções da composição da trilha sonora. Entrevista concedida a Janaina Trasel Martins. Caeté-Açu, 2021. Arquivo mp3 (30 min)

FAUR, Mirella. Círculos sagrados para mulheres contemporâneas: Práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. Editora Pensamento, 2021.

GIACOMINI, Sonia Maria; HIRSCH, Olívia Nogueira. Parto “natural” e/ou “humanizado”? Uma reflexão a partir da classe. Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020.

MANHÃES, Marilidia. Os quatro elementos da natureza no ciclo gestacional e no parto. Entrevista concedida a Janaina Trasel Martins. Caeté-Açu, 2021. Arquivo mp3 (60 min)

NATAL, Gabriela Celina Barbosa; SINIBALDI, Barbara. Dos rituais às ervas: re-

visando o ofício de partejar. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 11, n. 2, p. 190-201, 2022.

PALHARINI, Luciana Aparecida; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Gênero, história e medicalização do parto: a exposição “Mulheres e práticas de saúde”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, p. 1039-1061, 2018.

PINKOLA, Clarissa. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

SANFELICE, Clara Fróes de Oliveira; SHIMO, Antonieta Keiko Kakuda. Parto domiciliar: avanço ou retrocesso? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 35, p. 157-160, 2014.

SCHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGIERO, Zeca (org). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Org. Zeca Ligiéro. Rio de Janeiro: Maud X, 2012.

SIMAS, Raquel. *Doulas e o movimento pela humanização do parto*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2016.

SHINODA, Jean. *As Deusas e a Mulher*. Editora Paulinas, 1984.

TEZELLI, Lisandra. Os quatro elementos da natureza no ciclo gestacional e no parto. Entrevista concedida a Janaina Trasel Martins. *Caeté-Açu*, 2021. Arquivo mp3 (40 min)

ZANARDO, Gabriela Lemos de Pinho et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. *Psicologia & sociedade*, v. 29, 2017.

JANAÍNA TRASEL MARTINS: Professora do Curso de Graduação em Artes Cênicas, Departamento de Artes, da Universidade Federal de Santa Catarina. Fonoaudióloga, Mestre em Teatro, Doutora em Artes Cênicas.